

O mal, fétido e bélico

Evil, fetid and warlike

Régis Eric Maia Barros¹

"Não acredito que apenas os homens de projeção, os políticos e os capitalistas sejam culpados pela guerra. Não, o homem comum também é... Há uma urgência nas pessoas em destruir e matar, e até que toda a humanidade, sem exceção, passe por uma grande mudança, as guerras se sucederão." (Anne Frank)

Resumo

Este ensaio discute a existência do mal que permeia o nosso cotidiano. Por mais que nós, humanos, sejamos capazes de produzir o belo, também somos a espécie mais vil que habita esse mundo. Muitas vezes somos capazes de atos tão grotescos e selvagens que até os mais céticos são capazes de se assustar e duvidar. O mal é assim, sobretudo na guerra. Neste contexto, procuramos analisar como o mal aflora, suas consequências e como podemos freá-lo.

Palavras-Chave: Mal; Origem; Psiquiatria; Guerra; Violência.

Abstract

This essay discusses the existence of evil that permeates our daily lives. As much as we humans are capable of producing the beautiful, we are also the vilest species that inhabits this world. We are often capable of such grotesque and savage acts that even the most

¹ Graduado em medicina pela Universidade Federal do Ceará. Mestrado e Doutorado em Ciências Médicas com área de atuação em Saúde Mental pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Professor Universitário, Médico e preceptor da residência médica em psiquiatria do Hospital de Base do Distrito Federal, Brasília. Email: regis.eric.maia.barros@gmail.com

skeptical are capable of being scared and doubting. Evil is like that, especially in war. In this context, we seek to analyze how evil emerges, its consequences and how we can stop it.

Keywords: Evil; Origin; Psychiatry; War; Violence.

Onde ele habita? Pergunto-vos sobre ele. Tu o percebes em ti? De onde ele vem? Tais perguntas, ontologicamente, sinalizam e ancoram a presença do mal. Por mais que nós, humanos, sejamos capazes de produzir o belo, também somos a espécie mais vil que habita esse mundo. Infelizmente, nossos semelhantes, quando perversos, são capazes de atos tão grotescos e selvagens que até os mais cétricos são capazes de se assustar e duvidar. Nós podemos, a depender de algumas variáveis, agir de maneira similar a esses nossos semelhantes. Logo, o mal não é um ente que existe, somente, no externo. Este mal, que tanto nos incomoda, transita em mim e em você. Caberá escolhermos se o bem triunfará. Dependerá de nós sermos o que queremos ser. Seremos nós os responsáveis por aceitar a sedução, por vezes, triunfante desse mal, pois, via de regra, ele anda de mãos dadas com o poder e o egoísmo. A melhor definição dessa dualidade entre o bem e o mal eu encontrei em Harry Potter. Mais especificamente, Sirius Black, padrinho de Harry, disse que *“o mundo não se divide em pessoas boas e más. Todos nós temos luz e trevas dentro de nós. O que importa é o lado que decidimos agir. Isso é o que realmente somos”*. Sendo assim, negar a existência do mal, inclusive do nosso mal, é pura ingenuidade. O mais importante será como agiremos. Somos os nossos atos. Somos o produto do que nós criamos em primeira pessoa.

Consequentemente, o mal permeia o cotidiano. Há proporções e escalonamentos. Por exemplo, ele mostra suas garras quando não aceitamos o diferente, quando não somos empáticos e quando ficamos indiferentes frente ao preconceito. Ele, o mal, se evidencia em coisas triviais que nem queremos notar, mas também se concretiza em coisas maiores. Até nessas coisas maiores, o mal pode ser relativizado pelo agente que o propaga. O mundo nos prova isso. Numa pandemia, a falência da empatia levou a morte de muitas pessoas. Egoisticamente, pensar somente em si determinou que muitos tombassem. A negação da

doença e das vacinas fomentou a dor. E que tempos duros! Tempos de muita dor! Por conseguinte, tempos de muito mal.

E na esperança de que o mal pare de nos machucar, costumamos seguir. Por falar nisso, a esperança é um sentimento importante frente ao mal, pois, às vezes, só nos sobra ela diante dessa onda recorrente de maldade. Há mais de dois anos, tentamos seguir a despeito da pandemia e de todo mal que se espalhou com ela. E, agora, quando estamos num momento de possível maior calmaria, a Rússia invade a Ucrânia. Como é possível, nos dias de hoje, um país invadir e querer conquistar outro país mundialmente constituído e independente. Esse não é um exemplo isolado. Nas últimas décadas, esse roteiro já se repetiu com outros países. E o produto da guerra é sempre o mesmo: fome, morte, miséria, flagelo, choro, famílias despedaçadas, órfãos e crueldade. Na era de um mundo digital e de distancias, teoricamente, reduzidas, o mal impetrado na guerra escancara o que nossa espécie é capaz de fazer. Em tempo real, bombas, tiros, morteiros e mísseis confirmam e falam em tom certo – “o mal está aqui”. Assistimos, ao vivo, a guerra como se fosse um reality show. Há prazer nisso. Acredita!? O trucidar e o aniquilar geram prazeres primitivos e potentes. O ditado popular, rico em psicanálise, diz: “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. A Rússia quer mandar na Ucrânia e em vários outros países. Muitos outros países querem mandar na Rússia e em outros e outros países. Nesse cenário apocalíptico, não há santos. E quem sofrerá? Certamente, os indefesos, que são peças descartáveis desse mal geopolítico. Chorar não basta. Fugir não basta. Refugiar-se não basta. Sobreviver não basta. Nada disso será capaz de criar proteção contra o mal. Ele é onipresente. Ele persegue. Por habitar em todos, ele costuma continuar perseguindo. Ele é ardiloso e sofisticado.

Hoje, ao olhar para o desespero dos ucranianos, podemos sentir você, o mal. Pouco importa se nós somos iguais aos russos. Não há serventia se compartilhamos de costumes semelhantes. O mal, incorporado em todos que assimilam as ordens da guerra, sobrepujou o bem. Para ilustrar sua potência, trago um relato de Marta Shokalo, editora chefe da BBC ucraniana: *“na segunda semana desta guerra, percebi que não choro mais. Começo o dia lendo as notícias da noite, que contabilizam novas explosões por toda a Ucrânia. Alguns dias atrás, acordei com relatos de grandes ataques com foguetes em Kiev, perto de onde meu pai mora. Levei 10 minutos para tomar coragem para ligar para ele, para perguntar se ele e sua companheira estavam bem. Eles estavam, e eu senti uma onda de alívio. Quando vejo*

imagens horríveis de destruição em Kiev e tanques russos nas cidades e vilarejos próximos, penso nestes lugares outrora tranquilos, onde nossos amigos têm casas de campo. Costumávamos visitá-los com nossos filhos, fazíamos churrascos e bebíamos vinho em poltronas aconchegantes. Algumas destas cidades foram destruídas por intensos combates e artilharia. Minha mãe está mais preocupada em como conseguir comida para seu cachorro e gatos do que para ela mesma, mas me ligou feliz outro dia só para contar que tinha conseguido comprar dois pães! Isto em uma cidade onde os alimentos costumavam estar disponíveis em grande abundância. Isso é mais chocante para mim do que fotos de tanques russos incendiados. A escassez de alimentos e as prateleiras vazias são a nossa realidade agora. As pessoas compartilham informações sobre onde você consegue comprar - e o quê. Alguns estabelecimentos comerciais enfrentam desabastecimento, mas ao mesmo tempo há sempre o suficiente para quem precisa. Os restaurantes preparam comida de graça para soldados, pessoas que perderam suas casas ou qualquer um que necessite. Meu filho de 10 anos não está indo à escola, nem tem aulas online. Alguns professores ficaram em Kiev, outros foram embora. Seus colegas fugiram para o campo ou para o exterior. Eles conversam no Zoom, jogam games e fingem ser hackers que lutam pela Ucrânia. Um dos grupos de bate-papo que eles abriram em um aplicativo de mensagens se chama "assuntos de guerra". Todos os dias, os ucranianos enfrentam a decisão de ficar ou sair. Durante a primeira semana de guerra, quase um milhão de pessoas fizeram as malas e deixaram a Ucrânia para se tornar refugiadas. Este número está aumentando rapidamente”.

O mal é assim, sobretudo na guerra. Ele chega de mansinho. Ele dá o ar da sua graça quando você menos espera. Em um dia, você tem tudo e, no outro, você passa a não ter nada. Sem rumo, você fica. Ele é capaz de tirar tudo que você tem. E, aqui, o mais valioso é o que é retirado. Não são carros, dinheiro ou bens materiais. O mal da guerra é capaz de tirar seus sonhos e sua esperança do futuro. O mal da guerra é capaz de tirar a sua dignidade. O mal da guerra é tão bruto que consegue tirar, inclusive, a fé. Esse mal faz com que o afeto padeça e o pensar apodreça. Você olha ao seu redor e enxerga seus filhos chorando de medo, frio ou fome. E você se sente impotente, pois o medo é irremediável, o frio é irreparável e a fome é real. Você deixa de ser você. Você não é mais você, pois tudo que você tinha evaporou e escorreu. O mal nos aniquila e mostra que nós nos aniquilamos. Os soldados russos também têm pais, filhos e, podem acreditar, também, têm bondade dentro deles. Mas, aonde foi parar

essa bondade? Certamente, o mal, sedutor e sulfúrico, tomou de conta. Logo, a guerra confirma que, até os ditos bondosos, são capazes de atuar o mal mais fétido e pútrido do mundo. Na guerra, essa lógica acaba por acontecer. Na guerra, o mal age com todas as forças.

Os espelhos nos mostram o mal diante do caos, que sempre está próximo de nós e captado pelo nosso campo visual. Somos capazes de nos ver. Por isso, o filme “Joker” é tão potente, pois, na gênese do mal, há atores que fomentam o seu nascimento. No filme, todos nós, de um jeito ou de outro, temos um papel definido nessa hipertrofia do mal. Desse modo, não adianta querer pagar uma de que: “eu não tenho nada a ver com o mal”! Se tu és indiferente, frente a ele, saibas que você já está jogando no time dele. Só há, para mim, um caminho – lutar internamente contra o mal. Sabendo que podemos, mais cedo ou mais tarde, executá-lo, só nos resta compreender que precisamos detê-lo. Precisamos, primeiro, freia-lo em nós mesmos para, depois, identificá-lo no externo, pois, assim poderemos em conjunto nos opor a sua existência. Como bem dito por Tolstói, “O mal não pode vencer o mal. Só o bem pode fazê-lo”.

Referências

Nota do Editor: Por se tratar de um Número Especial onde algumas contribuições são opiniões ou ensaios, alguns textos não apresentam Referências como usualmente ocorre nos artigos que são regularmente publicados na nossa Revista.